



Presidente participa da celebração religiosa em Belém, mas sem discurso. Planalto informava que ele estava como chefe de Estado, e não candidato à reeleição. Arquidiocese de Belém nega convite

Bolsonaro opta pela discrição no Círio

» TAÍSA MEDEIROS

Sem discursar, o presidente da República e candidato à reeleição participou, ontem, do Círio de Nazaré, em Belém do Pará. Trata-se de um evento da Igreja Católica, com mais de 200 anos de tradição, que foi realizado sob responsabilidade da Arquidiocese de Belém. Bolsonaro estava acompanhado das deputadas federais Carla Zambelli (PL-SP) e Bia Kicis (PL-DF) a bordo da corveta Garnier Sampaio, da Marinha, embarcação que leva a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Nazaré.

A procissão fluvial faz parte das 13 romarias do Círio de Nazaré — uma das maiores festas religiosas católicas do mundo (leia mais na página 6). O formato tradicional do evento foi retomado este ano, após a pandemia de covid-19. Bolsonaro já havia participado em 2015, quando era deputado federal. Já na edição de 2022, estava como chefe de Estado, e não como candidato ao Planalto, apesar de o ato ter sido interpretado como parte de sua campanha. O presidente chegou a Belém no fim da tarde de sexta-feira, e no sábado pela manhã acompanhou a romaria dentro da corveta da Marinha Garnier Sampaio. O chefe do Executivo saiu logo depois em uma embarcação menor, sem falar com a imprensa.

Centenas de embarcações participaram da romaria. A Arquidiocese de Belém divulgou uma nota sobre a presença do presidente da República no Círio de Nazaré. “Comunicamos não ter havido nenhum convite da parte da Arquidiocese de Belém, nem da Diretoria da Festa de Nazaré, a qualquer autoridade, seja em nível municipal, estadual ou federal”, diz a nota. “Temos o dever de observar a plena liberdade de qualquer cidadão ou cidadã de participar dos eventos do Círio de Nazaré. Todavia, não desejamos e nem permitimos qualquer

Isac Nóbrega/PR



Bolsonaro acompanhou a procissão religiosa a bordo da corveta Garnier Sampaio, da Marinha, ao lado da deputada federal reeleita Carla Zambelli (PL-SP)

21

Quantidade de dias que faltam para o segundo turno das eleições, marcado para 30 de outubro

utilização de caráter político ou partidário das atividades do Círio”, conclui. O comunicado é assinado por Dom Alberto Taveira Corrêa, arcebispo metropolitano de Belém e foi divulgado na noite de sexta-feira (7/10).

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), principal oponente de Bolsonaro, foi convidado para o evento, mas recusou, com a justificativa de que teme interpretações de que utiliza “religião para fazer política”. “Eu não gosto de fazer nenhum gesto que possa parecer que eu

estou utilizando a religião para fazer política. Uma das coisas que eu tinha vontade de ver há muito tempo é o Círio de Nazaré, mas eu não vou porque é um ano de eleição”, disse, no Twitter. A esposa de Lula, a socióloga Rosângela da Silva, a Janja, foi ao Círio para agradecer pelo primeiro turno eleitoral.

“Sírio”

Bolsonaro chegou a publicar uma foto no evento, na qual escreveu na legenda “Sírio de

Nazaré”. O erro gramatical foi ironizado por críticos do presidente. “Ei, Bolsonaro! Sei que você não conhece nada sobre o país que governa, mas pelo menos deveria saber escrever o nome da maior manifestação religiosa do mundo”, disse o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) no Twitter.

“Sírio é quem nasce na Síria. Círio de Nazaré. É que digo: é um falso religioso, que nada conhece da fé cristã e nunca leu a Bíblia”, publicou o ex-governador do Maranhão Flávio Dino (PSB)

na mesma rede social. A foto foi apagada e o erro foi corrigido em alguns minutos.

O prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues (PSol), se disse indignado por Bolsonaro “ter usado” a festa religiosa como palanque. Em vídeo divulgado após a chegada do presidente ao Pará, o prefeito disse que “nenhum político tem direito de usar a fé” do povo. “A fé de todos os paraenses não pode ser sequestrada por uma candidatura à presidência, aliás de um candidato que sequer é católico”, criticou.

Fortalecimento de alianças nos estados

» INGRID SOARES

A primeira semana do segundo turno das eleições foi marcada pela estratégia de consolidação de capilaridades locais pelo país, além de novas adesões. Na corrida contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o presidente Jair Bolsonaro fatiou, ao longo da semana, alianças de peso de governadores reeleitos do Sudeste, região que abriga os maiores colégios eleitorais, tendo como peça-chave, Romeu Zema (Novo-MG). No estado mineiro, Lula liderou a corrida com 5,8 milhões de votos no primeiro turno, enquanto Bolsonaro recebeu 5,2 milhões. O presidente recebeu o apoio de ao menos outros 11 líderes estaduais e diversos parlamentares da base.

No Nordeste, outra região essencial para seu projeto de reeleição, o presidente recebeu o apoio da senadora de Alagoas, Eudócia Caldas (PSB-AL), e do filho, o prefeito de Maceió, João Henrique Caldas (PL). Apesar dos

acenos oficiais, especialistas avaliam que a estratégia de usar palanques locais não é garantia de transferência de votos a ponto de catapultá-lo a vencer as eleições, mas deixam Bolsonaro em uma situação melhor diante de Lula.

A última pesquisa divulgada pelo Datafolha após o primeiro turno, mostra que Lula segue na preferência da intenção de votos com 49% e Bolsonaro com 44%. O presidente trava uma batalha para ganhar terreno no reduto lulista. Além de investir nos eleitores do segmento religioso, como evangélicos e católicos, ao longo da semana, reforçou a pecha de corrupto do petista, questionando “o que Lula fez pelo Nordeste nos 14 anos em que esteve na presidência”.

Por outro lado, deu um tiro no pé ao relacionar o melhor desempenho de Lula na região ao analfabetismo na região, o que foi explorado pela campanha de Lula, que iniciou ainda ataques por meio das redes sociais e propagandas eleitorais fazendo uso



O espaço de votos reside junto aos eleitores que optaram por outros candidatos, votaram branco ou nulo, além dos que se abstiveram. Será uma eleição apertada”

Cristiano Noronha, cientista político

de vídeos que revivem declarações polêmicas e embaraçosas de Bolsonaro, como canibalização e maçonaria.

A semana foi otimista para o QG bolsonarista, que aponta que, além de um número de votos acima do esperado, o candidato à reeleição formou uma base sólida no Congresso. O PL terá a maior bancada do Senado a partir de 2023, com 13 parlamentares. Já na Câmara, são 99 cadeiras ocupadas pela sigla.

Avaliações

O cientista político Cristiano Noronha, da Arko Advice, ressalta que o apoio de Zema será fundamental para a campanha de Bolsonaro, visto que o Sudeste é o principal foco dos dois candidatos ao Palácio do Planalto. E relatou que os votos que elegerão o novo presidente partirão da migração dos votos de eleitores de Simone Tebet (MDB) e Ciro Gomes (PDT), além das abstenções. “O espaço

de votos reside junto aos eleitores que optaram por outros candidatos, votaram branco ou nulo, além dos que se abstiveram. Será uma eleição apertada. Esses são fatores que farão a diferença. Minas é um colégio eleitoral muito relevante, além de São Paulo. A transmissão de votos não é garantida, mas ajuda a quebrar resistências”, observa.

Ricardo Caichiolo, cientista político do Ibmecc-DF, destaca que os apoios são significativos, mas que não representa necessariamente a transferência imediata de votos. “Zema precisa de apoio dentro da Assembleia Estadual de Minas para ter projetos aprovados e sabe que o PL de Bolsonaro conseguiu emplacar vários deputados estaduais lá dentro. Os três governadores citados devem se envolver e conseguir um aumento no número de votos para Bolsonaro. Mas o alinhamento de Castro, Zema e Rodrigo não significa necessariamente que aquele eleitor deles votará em Bolsonaro. Não tem uma transferência

automática de votos.”

E aponta que o apoio de Rodrigo Garcia a Tarcísio e Bolsonaro foi um revés para as campanhas de Fernando Haddad (PT) e Lula. “Esse apoio que Bolsonaro conseguiu reúne cerca de 35% dos votantes do país. Haddad tentou aproximação com Garcia para que houvesse uma troca. O PT apoiaria Eduardo Leite em troca de apoio para Haddad contra Tarcísio. Não deu certo. É um impacto significativo para os palanques, mas o outro lado também vem se movimentando.”

A advogada constitucionalista Vera Chemin, mestre em direito público administrativo pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), destaca fatores relevantes para uma possível reviravolta do presidente. “Bolsonaro teve poder suficiente para eleger a maioria no Congresso, sem esquecer dos governadores eleitos com o seu apoio e que lhe darão guarita para a campanha, além de um número significativo de prefeitos que o ajudarão a cooptar votos.”